



Chá derivado de planta minimiza efeitos colaterais de medicamento

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@reitoria.unicamp.br

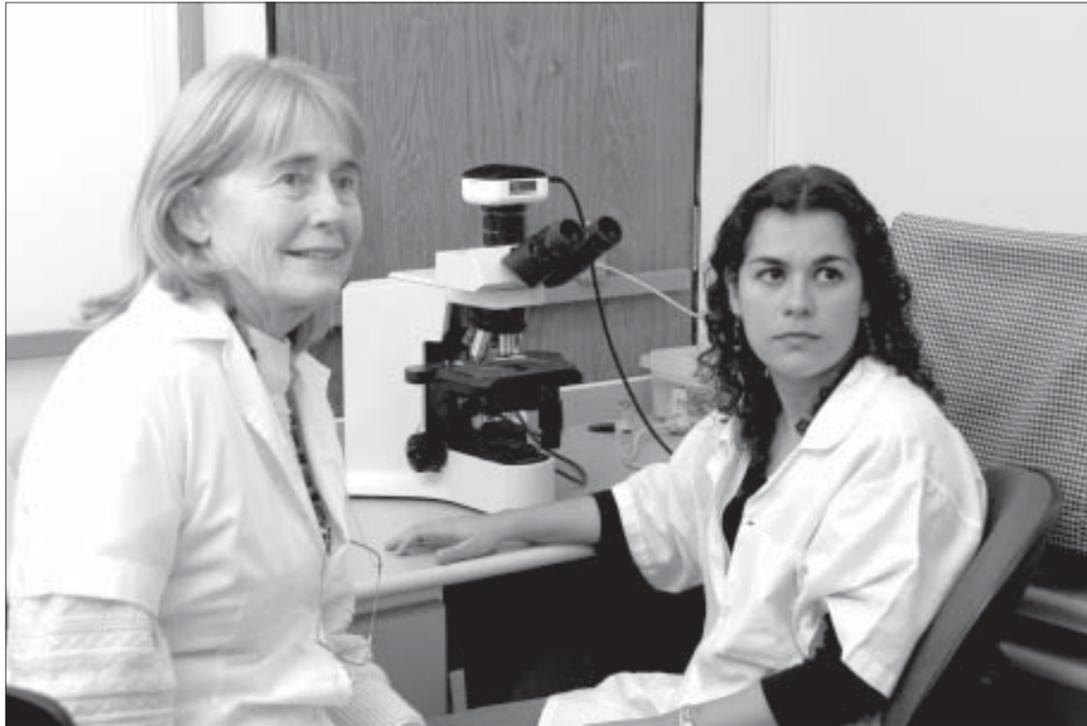
A planta popularmente conhecida como nó-de-cachorro (*Heteropterys aphrodisiaca*), abundante no cerrado da região centro-oeste do país, demonstrou potencial para reduzir os efeitos colaterais do medicamento ciclosporina. Os testes foram feitos em ratos. Segundo a autora da pesquisa, a bióloga Juliana Castro Monteiro, a ciclosporina é fundamental no tratamento de doenças auto-imunes. É também indicada, regularmente, para indivíduos submetidos a transplante de órgãos.

O problema, no entanto, é que a droga possui reações adversas, dentre elas, danos

ao sistema reprodutor masculino, mais especificamente ao epitélio germinativo – responsável pela produção dos espermatozoides ou gametas masculinos –, e às células de Leydig – produtoras de testosterona. Esses efeitos podem levar o paciente à infertilidade.

A pesquisadora, que foi orientada pela professora Mary Anne Heidi Dolder, do Departamento de Biologia Celular, do Instituto de Biologia da Unicamp (IB), explicou que a planta é conhecida pelas propriedades afrodisíacas e estimulantes. A comprovação científica foi feita por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Viçosa (UFV). A partir desta constatação, surgiu a idéia de se testar o chá de nó-de-cachorro em ratos, associado à ciclosporina, para tentar minimizar as reações ao medicamento. Os testes foram feitos em parceria com a UFV.

Os ratos ingeriram a associação do medicamento com o chá da raiz da planta nó-de-cachorro por 60 dias, período que corresponde ao ciclo reprodutivo dos animais, em diversas combinações. A formulação de maior significância resultou da associação simultânea dos dois componentes. Segundo Juliana, a questão é complexa e demanda outros estudos mais aprofundados, pois as descobertas suscitaram outros questionamentos. Mas, já se sabe, pelas análises de morfometria testicular e microscopia eletrônica de transmissão, que o chá da planta protege o epitélio germinativo e as células de Leydig.



A professora Mary Anne Heidi Dolder (à esq.), orientadora da dissertação, e a bióloga Juliana Castro Monteiro, autora do estudo: associação simultânea de componentes

Fotos: Antoninho Perri



A linguísta Carolina de Paula Machado: analisando os dicionários de referência

Os sentidos (silenciados) da palavra 'preconceito'

Apesar de as discussões sociológicas sobre o preconceito nas suas mais variadas formas terem vindo à tona no século XIX, nos dicionários mais representativos da Língua Portuguesa a questão da exclusão social só viria a ser relacionada à palavra *preconceito* em 1975, na primeira edição do dicionário Aurélio Buarque de Holanda. Antes disso, a palavra só trazia o sentido de "conceito concebido antecipadamente", e nem sequer mencionava a abordagem sociológica. A constatação foi feita pela linguísta Carolina de Paula Machado em sua dissertação de mestrado apresentada no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (IEL). O trabalho foi orientado pelo professor Eduardo Junqueira Guimarães.

O objetivo de Carolina foi elucidar os diversos sentidos da palavra preconceito, analisando as designações desta palavra nos principais dicionários do século XX e XXI, relacionando-os com as discussões no campo da sociologia. Carolina não abordou o mérito do debate conceitual da palavra. A pesquisadora pretendia buscar quais os sentidos que circularam – e circulam – nos dicionários considerados obras de referência da língua portuguesa normatizada.

"Fiz uma análise semântica, considerando os aspectos sociais, históricos e políticos do sentido do preconceito. Percebi que existia um sentido silenciado ao longo dos anos", revela.

Carolina acredita que este tipo de investigação ajuda, em parte, no entendimento de alguns discursos presentes na sociedade sobre a inexistência do preconceito. "É sabido que há uma discriminação com relação aos negros, homossexuais e outras classes menos favorecidas, mas ninguém sabe como apareceu o discurso de que não há preconceito no país", argumenta.

A falta de objetividade na explicação pode ser confirmada na publicação *Pequena Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, nas edições de 1938 a 1967, em que o significado permanece o mesmo ao longo dos anos. Em 1975, tardiamente para as discussões fortes na área, o *Aurélio* amplia o sentido para a questão social, mas coloca a informação como última acepção.

"Mesmo ampliada, o sentido da exclusão social não é a questão central da definição", esclarece. O dicionário *Michaelis*, de 1998, traz a definição mais detalhada e já incorpora aspectos da sociologia. Mais tarde, em 2001, o *Houaiss* publicaria acepções da lingüística e psicanálise e, ainda, mencionaria a data do registro da palavra na literatura escrita, entre 1817 e 1819.

Tese radiografa produção de mel no Vale do Paraíba

A atividade apícola no Vale do Paraíba paulista pode crescer de duas a três vezes mais do que o ritmo que se observa atualmente. A estimativa é do engenheiro agrônomo Luiz Eugênio Veneziani Pasin, que recentemente defendeu tese de doutorado sobre o tema na Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri). O engenheiro fez uma radiografia do processo de organização da produção e comercialização do mel naquela região, constatando que o sistema é frágil em razão da falta de organização coletiva.

"Mesmo com a existência de associações, os apicultores trabalham de forma individualizada. A atuação dessas entidades é tímida. Acredito que, caso se aperfeiçoasse a organização da produção, a atividade teria um bom crescimento, sem a necessidade de grandes investimentos financeiros", defende Pasin.

O engenheiro constatou, ao analisar 116 Unidades de Produção Agropecuárias (UPAs) da região, que 92% delas vendem mel de maneira informal. "São pequenos produtores que possuem até 20 colméias cada um. Eles vendem para a vizinhança e não reconhecem o ofício como sendo o principal para o sustento da família, mas apenas como uma atividade suplementar cujo objetivo é a complementação de renda", explica.

Isto significa, segundo o engenheiro, que as tentativas de crescimento esbarrariam exatamente no atual modelo de desenvolvimento existente para o setor na região, pois a informalidade, ausência de organização e o pouco profissionalismo não permitiram avanços nos últimos dez anos no que se refere ao aumento de produção e comercialização do mel no mercado formal.

Outro ponto destacado por Pasin refere-se à criação de uma efetiva interação entre o apicultor; as instituições de pesquisa da região e as autoridades locais. "Essa aproximação viabilizaria ações coletivas, como criação de casa do mel comunitária, compra de insumos coletiva e estratégias de comercialização".

Neste sentido, observa o pesquisador, as associações teriam papel fundamental entre os setores que não estão articulados entre si. "Temos dois centros importantes dedicados aos estudos sobre apicultura no Vale do Paraíba. Ambos poderiam participar deste processo de discussão", argumen-



O engenheiro agrônomo Luiz Eugênio Veneziani Pasin: sistema frágil

Foto: Érica Guimarães

ta o engenheiro, que pertence ao quadro de pesquisadores do Centro de Estudos Apícolas da Universidade de Taubaté.

O estudo, realizado em parceria com a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, não deixa dúvidas de que a atividade poderia ser melhor explorada no mercado formal. "Na região existe pasto apícola adequado para o crescimento, conhecimento técnico necessário e presença de apicultores. Mas, os 'elos' sociais existentes entre os agentes participantes não estão consolidados o suficiente, até o presente momento, para estabelecerem a conectividade entre os atores para elevar a apicultura regional ao status de arranjo produtivo do mel", enumera Pasin.